

## **Comunicação, Amorosidade e Autopoiese<sup>1</sup>**

Profa Dra Maria Luiza Cardinale Baptista<sup>2</sup>

Professora e pesquisadora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)  
Professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Diretora da Pazza Comunicazione, Brasil.

O artigo discute a complexidade interacional do processo de comunicação, como um jogo de amorosidade e autopoiese. Resgata a noção de comunicação-trama, onde há interação de sujeitos a partir de fluxos intensos, de elementos significantes e a-significantes, mediados ou não por tecnologias da comunicação. Fundamenta-se em pressupostos da teoria sistêmica e da complexidade. Apresenta a trama processual da Comunicação, com seus laços intrínsecos à lógica da amorosidade e da reinvenção dos universos de referência existenciais, a partir do ‘encontro-abraço’ discursivo amoroso. Ilustra as questões teórico-conceituais com exemplos de práticas comunicacionais cotidianas. Por fim, propõe o aacionamento da amorosidade autopoietica do processo, através de dispositivos múltiplos e do esmero insistente, na busca da constituição da arte da relação comunicacional.

Palavras-chave: comunicação, amorosidade, autopoiese, processo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 01 – Teorias da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP), Autora do livro Comunicação: Trama de Desejos e Espelhos e diversos artigos, principalmente abordando a interface Comunicação e Psicologia e a perspectiva Paixão Pesquisa em Comunicação, a Metodologia da Sensibilidade. malu@pazza.com.br.

## Para iniciar o ‘abraço’

*O amor – ou a condição amorosa, os sentimentos amorosos - é algo ao mesmo tempo muito presente no mundo e inteiramente démodé para a intelectualidade. Esta foi uma das razões, talvez a razão fundamental, objetiva, pela qual eu quis me interessar pelo assunto.*  
(Roland Barthes)

*[...] o Ocidente favoreceu a dissociação entre a cognição e a sensibilidade, assentando-a como um dos seus axiomas filosóficos.  
[...] Os sentimentos não podem continuar confinados ao terreno do inefável, do inexprimível, enquanto a razão ostenta uma certa asepsia emocional, apatia que a coloca acima das realidades mundanas. A separação entre razão e emoção é produto do torpor e do analfabetismo afetivo a que nos levaram um império burocrático e generalizador que desconhece por completo a dinâmica dos processos singulares.*  
(Luís Carlos Restrepo)

Proponho, neste momento, que você, leitor, ‘me escute’, que se disponha para um encontro, através desse dispositivo – a escrita. Encontro com suas intensidades possíveis. O que tenho pra dizer não é simples, mas, na sua complexidade, é quase óbvio. A temática central deste artigo é a comunicação, como resultado de processos de amorosidade e de autopoiese. Resulta, antes de tudo, de uma vivência de amorosidade derramada, que me caracteriza. Amorosidade generalizada e, em especial, amorosidade por processos comunicacionais. “*Vem daí esse meu jeito afetivamente afetado, que me faz ir sempre em frente, avançar*” eu disse em outro texto (BAPTISTA, 2000). Além disso, como jornalista, teórica, professora de Comunicação, pesquisadora, empresária, vivo refazendo perguntas óbvias como estas: Como a comunicação efetivamente se produz? O que faz com que a Comunicação aconteça ou não? Por que, tantas vezes, há fluxo intenso de dados informativos, mas não há comunicação? Amorosidade e autopoiese. Estas são as pistas que trago. A estratégia de diálogo, aqui, parte de um conceito de comunicação e do seu desmonte, para chegar a abordar a amorosidade e, posteriormente, a autopoiese.

Eduardo Peñuela Canizal, há algum tempo, analisava, em banca, minha dissertação de mestrado<sup>3</sup>. Disse que chamava a atenção o fato de que eu conceituava a comunicação como algo relacionado a renascimento, à reinvenção. Na época, achei importante o que ele pontuava e que, realmente, estava explícito no meu texto, mas não era, efetivamente, algo profundamente refletido. Essa noção estava dispersa, em meio à discussão sobre a especularidade da comunicação. Posteriormente, em outros processos investigativos e, portanto, em outros textos, mantive a linha de abordagem do fenômeno Comunicação e o defini da seguinte forma:

*Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. Quer dizer, encontro de universos de sujeito, universos subjetivos. (BAPTISTA, 2000, p.33-34)*

Tomo esse conceito como guia. Vamos, então, ao seu desmonte. “Comunicação é interação de sujeitos”. Muito bem. Considero aqui um aspecto fundamental, no sentido de indicar que a ação de tornar comum, significado intrínseco ao termo Comunicação, acontece a partir da interação de sujeitos. Esse sujeito, convém dizer, não é alguém que existe individualmente, isoladamente. “O sujeito só existe em relação ao Outro e o Outro é tudo o que é não eu”. Essa é uma frase que vivo repetindo para os estudantes de Comunicação, tentando deixar claro que o sujeito de que falo é considerado uma espécie de campo de forças múltiplo, complexo, marcado por múltiplas influências. Influências de todos os tipos, desde sua família, suas tribos, sua musicalidade, suas preferências alimentares, suas manias, sua relação com o corpo, sua capacidade de expressão, sujeito pensado de uma maneira holística. Sujeito considerado no seu todo. Sujeito maquínico, decorrente da constituição do ser em uma sociedade capitalística, que – como bem nos explicam Guattari e Rolnik (1986) – são forjados em série, marcados por uma ordem capitalística mundial, seguindo tendências do mercado, ao mesmo tempo em que se aventuram em processos de singularização.

---

<sup>3</sup> Defendida em 1994. Mais tarde em 1996, foi publicada pela editora da ULBRA, Canoas, RS, sob o mesmo título: Comunicação: Trama de Desejos e Espelhos.

A interação do processo comunicacional ocorre por meio do fluxo de informações entre os sujeitos e isto, por sua vez, realiza-se em uma “teia trama complexa”. A noção de Comunicação-Trama foi detalhada em um outro texto (BAPTISTA in BECHELLONI e LOPES, 2002). Resgato, aqui, apenas a idéia de que ela envolve tanto o estabelecimento complexo dos entrelaçamentos da comunicação interpessoal direta, quanto o processo, na malha das grandes redes midiáticas da contemporaneidade. Igualmente, quero frisar que o termo interação não remete a um processo harmônico, amistoso. Interação, então, é uma noção pensada como ‘encontro de corpos’. Há sujeitos que se encontram, como espécie de ‘corpos-existência’ e, nesses encontrões, transformam-se, misturando-se na informação compartilhada. Produção múltipla, produção conjunta, ‘inter-ação’, ‘trans-form-a-ção’.

Nesse ponto, nos aproximamos do que eu trago, neste artigo, como complemento ao conceito apresentado. Esses encontrões, o fluxo informativo, não ocorre de qualquer maneira. O aspecto a salientar é justamente o caráter transformador dos sujeitos envolvidos. Retomo, então, as perguntas iniciais: Como a comunicação efetivamente se produz? O que faz com que a Comunicação aconteça ou não? Por que, tantas vezes, há fluxo intenso de dados informativos, mas não há comunicação? Elas ecoam em mim. Nesse momento, convido-o para avançar e conhecer o que eu percebo dos processos, sejam eles interpessoais ou midiáticos, considerando que os diferenciais passam pela amorosidade e autopoiese.

### **A amorosidade e a comunicação**

O termo amorosidade está sendo usado, como uma palavra escolhida, entre tantas, para representar um traço intrínseco ao processo de comunicação. “*Amorosidade – qualidade ou virtude do que é amoroso*”. “*Amoroso.1 Que ou aquele que sente amor, que tem inclinação para o amor;2 relativo ao amor; que contém ou demonstra amor;3 propenso ao amor; que demonstra ternura, afeto;terno, meigo, carinhoso...*” (HOUAISS, 2001, p.194). Parto, então, da palavra para compartilhar a idéia de que a comunicação se efetiva, onde há amorosidade. Os laços amorosos a que me refiro não são laços de concordância, de idealização, de anulação do eu, em relação ao Outro, mas de aceitação na convivência. Diferente da paixão, o amor implica em aceitar o Outro, no reconhecimento das diferenças e limitações. Aceitar, não concordar. Esforçar-se por entender e, acima de

tudo, querer compartilhar. Neste sentido, os fluxos informativos não podem ser ‘mornos’, têm que estar suficientemente aquecidos de afeto, no sentido de desacomodar o sujeito para o reconhecimento do lugar do Outro, do fluxo que vem do Outro – seja esse Outro uma outra pessoa, grupos, instituições, mídias...

Comunicação amorosa implica também em investimento, em lançar mão de tempo, de recursos e capacidades para estar junto, buscando coexistência no campo da produção de significações. Assim, representa mais do que não abandono, mas a busca de ações comuns nos fluxos informativos, de tal modo que estas possibilitem a manutenção dos vínculos que vão se estabelecendo. Um receptor de um programa de televisão, por exemplo, precisa se encontrar nos fluxos informativos e decidir manter-se ligado. Decidir manter o laço que une emissão e recepção é uma tarefa que depende do processo de encontro de existências, que, por sua vez, torna-se decisivo quanto ao fato de que este sujeito vai ter que deixar de fazer outras coisas, de dedicar-se a outros ‘Outros’ – pessoas, canais de tevê, instituições.... Assim, é preciso que se estabeleça um campo de significação, em que os laços intensos vão tramando a relação e garantindo a permanência. “Não vá embora. Não me abandone. Me ame!” São essencialmente, os apelos das emissões midiáticas cotidianamente. Uma das dificuldades é que são muitas as possibilidades de encontros amorosos e, aí, surge um outro desafio, que é sobreviver e ser amado, neste caos de ofertas de processos comunicacionais<sup>4</sup>.

Bem, mas vamos voltar à questão da amorosidade, conceitualmente falando. Ela está fundamentada, aqui, em Humberto Maturana (1998), por um lado, e Luís Carlos Restrepo (1998), por outro, bem como, claro, em Roland Barthes (1986). Maturana, neste sentido, é alguém especial em sua teoria. Encantador mesmo. O biólogo chileno, que aprendi a admirar pelos seus textos, fala do amor, como o fundamento do social. É bastante significativo, por exemplo, o seguinte trecho:

*O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. [...] Sem a aceitação do outro, não há fenômeno social.*  
(MATURANA, 1998, p.23-24)

---

<sup>4</sup> Essa perspectiva do caos informacional eu discuto na apresentação da Oficina A Comunicação das Baratas Tontas (1996) e em artigo mais recente, que denominei O Dilúvio Babelizante da Contemporaneidade e a Educação (2003).

Em outro momento, ele define o amor, argumentando sua relação direta com o surgimento da linguagem, que se estabelece na convivência. “*As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência. Por isso, a linguagem, como domínio de coordenações consensuais de conduta, não pode ter surgido na agressão, pois esta restringe a convivência [...]*” (MATURANA, 1998, p.22-23)

O autor deixa claro que sua argumentação não é cristã, mas de um biólogo que reconhece as características intrínsecas do ser humano. Ele lembra que há traços do humano-animal, que permanecem em nós até hoje. São eles: somos animais colheitadores, compartilhadores, vivemos na operação consensual de ações; somos animais cujos machos participam do cuidado com os bebês, construímos a vida em pequenos grupos; somos animais sensuais, que vivemos espontaneamente no tocar e acariciar mútuo; e, por fim, vivemos a sensualidade no encontro personalizado com o outro (MATURANA, 1998, p.24-25). Ele salienta, neste sentido, que somos animais dependentes do amor. E justifica:

*O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. (p.25)*

Ora, se entendemos as palavras de Maturana com relação ao amor, fica fácil perceber que amorosidade e comunicação são termos intrinsecamente ligados. Os processos de compartilhar implicam no acionamento das ações recorrentes, que se processam através da coordenação de ações consensuais. Os processos de tornar comuns planos de intensidades significacionais só são possíveis com o acionamento de linguagens e, assim, de coordenação de ações consensuais, ou seja, em que o amor garante a aceitação do outro, como legítimo outro na convivência. Em outras palavras, não há comunicação sem o acionamento de planos amorosos, de disposição de estar junto, de respeitar-se mutuamente, os tempos, os silêncios, os ritmos, as diferentes ‘miradas’ para as cenas partilhadas. Não há comunicação, sem que o sujeito invista a si mesmo na disposição de compreender o lugar do outro, o campo de produção de universos significacionais.

É preciso aceitar que o encontro interacional comunicacional a que me refiro é um encontro intenso, inteiro, em que, mais do que a decodificação formal dos traços semânticos e sintáticos do discurso, os sujeitos conseguem apreender-se mutuamente em planos de intensidade, a-significantes, incorporais, encontros afetivos, resultado de afecção mútua. Isto tudo ocorre, sem que, necessariamente, haja concordância. Este é um aspecto central que precisa ficar claro: a relação amorosa é de aceitação do outro como legítimo outro na convivência; não implica, como salientei anteriormente, em anulação de si mesmo e, portanto, na submissão ao outro, típica apenas da “vassalagem do amor romântico” – que não é o amor a que me refiro aqui (MATURANA, 1998; BARTHES, 1986).

Trazendo um pouco essa discussão para exemplos do cotidiano, posso afirmar que o que produz comunicação no anúncio publicitário, por exemplo, não é seu título, o jogo de cores, a relação claro-escuro, os personagens e ou o ambiente representado. Não é uma coisa ou outra, mas tudo somado, alinhado cuidadosamente para o acionamento de planos de intensidades afetivas. O encontro com o consumidor/ receptor tem que ser avassalador, impetuoso, como a paixão, mas, mais que isso, precisa conseguir alcançar a serenidade e segurança, que só o amor possibilita. O receptor, então, não deve apenas ser excitado com a emissão. Ele precisa ser envolvido, de tal forma, a acolhê-la como parte dele mesmo, acreditando, confiando nas sensações acionadas, como uma verdade amorosa, plena. Para isso, claro, os produtores da comunicação publicitária precisam também investir no reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência. E reconhecê-lo, na sua dimensão ética.

O receptor, nesta perspectiva, não é alvo, em quem se dispara. O receptor é o ‘ser amado’ a quem nos dirigimos, visando sua afecção e consenso, na conduta de ações de compartilhar. O receptor é o nosso sustento existencial, no sentido de que o comunicador vive, em essência, para tentar construir esses encontros amorosos-comunicacionais. Assim, o contrato de significação surge no contrato da relação amorosa, de aceitação do outro como legítimo na convivência. A comunicação, neste sentido, não manipula o sujeito. Ela o envolve em seus próprios afetos, gerando a trama de laços de confiança. No caso, o vínculo é com um ‘espelho’ que realmente conhece o sujeito e conhecendo-o, o enlaça em seus próprios sentimentos.

Talvez a metáfora que mais explique o processo seja a do abraço, o abraço terno, envolvente. Sim, porque o abraço acolhe, é aceito, dá segurança. Aciona os planos de intensidades afetivas, que **contém** o sujeito nas suas inseguranças existenciais e, também, nos casos dos processos de que tratamos, aqui, informacionais. O verbo conter, utilizado há pouco, merece algumas considerações. Conter é, ao mesmo tempo, “*frear o ímpeto de; impedir de avançar, dominar*” e “*ter capacidade de abrigar, de receber*” (HOUAISS, 2001, p. 817). Assim, psicologicamente, a contenção – como o abraço, por exemplo – oferece limites ao movimento e, simultaneamente, abriga, acolhe. Os limites no abraço relacionam-se à própria existência-corpo do outro e, diga-se de passagem, essa noção é fundamental para a comunicação. Encostar-se, tocar o outro com o próprio corpo, percebendo-se no limite de si através do encontro também limítrofe com o outro e ter a vivência do abraço que acolhe é condição ideal para troca, para fluxos afetivo-informacionais e, claro, existenciais.

Quem abraça, dispõe-se a manter o abraçado ali, sob o enlace terno dos braços. Oferece isto. Quem recebe o abraço, aninha-se cumplicemente, no recebimento do gesto do Outro, também se oferecendo para a convivência, para a relação comum, comunicação. “*O gesto do abraço amoroso parece realizar por um momento, para o sujeito, o sonho de união total com o ser amado*”, (BARTHES, 1986, p.12). Em livro clássico, sob o título Fragmentos do Discurso Amoroso, esse autor aciona, através do discurso – dos fragmentos - universos de intensidades afetivas, para expressar a lógica da amorosidade. Resgata a expressão “*Na doce calma dos teus braços*”, de uma poesia musicada por Duparc, e sintetiza a condição dos sujeitos no momento do abraço: “[...] *estamos no sono, sem dormir; estamos na volúpia infantil do adormecer: é o momento das histórias contadas, o momento da voz que vem me imobilizar, me siderar, é a volta à mãe.*” (*idem*)

Assim, parece fácil perceber que a disposição de quem agencia processos comunicacionais é a do abraço amoroso, numa proposta de encontro de acolhimento mútuo, de sentidos contratados e de determinação para manter o enlace. É possível pensar, também, que é no ‘jogo do abraço’ que experimentamos a aproximação com o outro, testando, no ‘encontro de corpos’, o jogo do Eu-Tu, de que fala Buber (1974). No abraço, os sujeitos vão meio que se encaixando e vivendo a experiência de existir no encontro, aceitando o corpo do outro e imprimindo-se como corpo-sujeito do enlace.



Igualmente interessante, nesta linha de pensamento, é o conceito de carícia, apresentado por Restrepo (1998). Ele faz uma distinção entre agarrar e acariciar e explica que: “*A carícia é uma mão revestida de paciência que toca sem ferir e solta para permitir a mobilidade do ser com quem entramos em contato.*” (p.51). Nessa dinâmica, vive-se o encontro com o outro, não para possuí-lo, mas para acariciá-lo, para abraçá-lo no encontro de existências. É justamente isso que possibilita os processos autopoieticos nas relações comunicacionais, que abordo a seguir.

### Comunicação e autopoiese

Vou me deter, agora, na discussão do termo autopoiese, para relacioná-lo à comunicação e à amorosidade. Autopoiese é uma palavra que me tem sido muito cara, nos últimos tempos. daquelas que a gente carrega no dia-a-dia, que vai assumindo como nossas. Entrei em contato com a idéia, pela primeira vez, a partir das “máquinas autopoieticas”, abordadas por Guattari, no livro *Caosmose* (1992). Neste texto, Guattari remete a Francisco Varela, parceiro de Maturana, para explicar que as máquinas autopoieticas diferem substancialmente das mecânicas. Não se trata de pensar a máquina coisa, mas essencialmente a máquina em produção, agenciada para produzir. Assim, parti de Guattari e, depois, busquei a fonte. De Maturana e Varela, encontrei o livro *De Máquinas e Seres Vivos. Autopoiese, a Organização do Vivo* (1997). A ‘com-versa’ que proponho agora está baseada nestes textos e na minha vivência nos processos comunicacionais cotidianos, bem como nas minhas aventuras investigativas na área.

O termo autopoiese é um neologismo que nos remete à idéia de autoprodução. O dicionário apresenta poiese-poese do seguinte modo: “[...] *el. Comp. Pospositivo, do gr. Poiesis, eos, ‘criação, fabricação, confecção; obra poética, poema, poesia’*” (HOUAISS, 2001, p. 2246). Assim, quando pensamos em autopoiese, devemos nos remeter a uma espécie de motor interno ao sistema, que faz com que ele esteja em processo de produção. A palavra foi cunhada por Maturana, na tentativa de responder, em suas investigações, à pergunta: “*O que é que começa quando começam os seres vivos sobre a terra, e que tem se conservado desde então?*” (MATURANA;VARELA, 1997, p.11). Observe-se, então, que está em jogo o processo de produção de vida, quando relacionamos o termo ao ser humano.

Processo de criação, de autocriação. Maturana refere-se, então, aos seres vivos como “[...] sistemas nos quais, seja em seu acontecer solitário de sua atuação como unidades autônomas ou no que se refere aos fenômenos da convivência com os outros, surgem e neles se dá em/e, através de sua relação individual, como entes autônomos” (MATURANA;VARELA, 1997, p.11). Então, é possível destacar os seguintes aspectos: ‘acontecer solitário’, ‘unidades autônomas’ e ‘finalidade de convivência com os outros’.

Fico pensando que, em princípio, a concepção poderia parecer contradizer a minha visão de ‘sujeito que só existe em relação ao Outro’. Ocorre que a noção de Maturana, compartilhada por Varela, precisa ser entendida como associada à percepção do caráter sistêmico do ser humano e suas formas de agregação, de convivência. Sua constituição, neste sentido, é processual e o caráter autopoietico surge do acionamento, decorrente do encontro, de ações compartilhadas. Junção de células, espécie de contaminação do Outro, desencadeando processos de transformação, recriação, autopoiese e, assim, constituindo a autonomização de um outro ser, que, por sua vez, vai reinventar o sistema todo em que esse sujeito está inserido.

*[...] o ser vivo não é um conjunto de moléculas, mas uma dinâmica molecular, um processo que acontece como unidade separada e singular como resultado do operar, e no operar, das diferentes classes de moléculas que a compõem, em um interjogo de interações e relações de proximidade que o especificam e realizam como uma rede fechada de câmbios e sínteses moleculares que produzem as mesmas classes de moléculas que a constituem [...] (MATURANA in MATURANA;VARELA, 1997, p.15)*

Maturana dá o nome de autopoiese a essa rede fechada de produção de componentes, em que os componentes geram as próprias dinâmicas de produção que os produzem, num fluxo contínuo de elementos. Fica, claro, então, o caráter sistêmico, portanto, processual, mutante, de engendramentos múltiplos na constituição dos seres autopoieticos. Tudo isso pode parecer muito complexo. De certa forma o é, de fato, mas, também, pelo fato de ser algo inerente à natureza, beira à simplicidade do óbvio. Poderia dizer, então: o sujeito se autoproduz e se reinventa a cada instante, nas múltiplas interações-relações, a partir dessa espécie de ‘motor interno autonomizador’, e dos vínculos com outros sujeitos autopoieticos – esses outros podem ser tanto pessoas quanto sistemas grupais, institucionais e, mesmo, mídias. É o que ensina Guattari (1992, p.14), ao ressaltar

o caráter heterogêneo dos componentes que concorrem para a produção da subjetividade. Segundo ele, esses componentes são os seguintes:

*1. componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. elementos fabricados pela indústria dos mídias, do cinema, etc. 3. dimensões semiológicas a-significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente lingüísticas.*

A partir da compreensão da heterogênese na constituição dos sujeitos, acredito, então, ser possível avançar. Assim, é importante que o processo autopoietico seja mantido como premissa do processo comunicacional, para que continue sendo produzida a vida dos sujeitos envolvidos, em sua dimensão autonomizadora. Não há como produzir comunicação, sem que os sujeitos mantenham sua capacidade autocriadora. Assim como ressaltei em relação ao amor – no que este se diferencia essencialmente da paixão – é fundamental que o outro continue sendo inteiro na relação.

*“Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és, no mínimo que fazes. Assim em cada lago a lua toda brilha, porque alta vive”* (PESSOA, 1976, p. 146). O poema de Fernando Pessoa é ilustrativo. Se queremos o processo comunicacional existindo, precisamos empreendê-lo de tal modo que os sujeitos envolvidos sejam inteiros, possam se colocar na relação, não como máquinas reprodutoras, repetidoras, mas como seres autopoieticos, que se reinventam com a informação amorosa recebida e, nessa reinvenção, concordam em ‘ficar’, com o plano de significação proposto pelo emissor. Assim, neste sentido, no processo comunicacional não há a autonomia total do receptor, nem a supremacia *a priori* do emissor. O que ocorre é o desencadeamento da fusão de sistemas, no abraço amoroso, em que o resultado é a reinvenção das unidades autônomas – os sujeitos – e do sistema maior que as engendra – as máquinas de produção de subjetividade, como é o caso dos Meios de Comunicação e de alguns grupos e instituições, ou, dizendo de uma maneira mais ampla, a própria sociedade.

Interessante, neste sentido, a definição de fenômeno sistêmico, do próprio Maturana (1997, p. 24): “[...] acontece como resultado da atuação dos componentes de um sistema enquanto realizam as relações que definem o sistema como tal, e, no entanto, nenhum deles

*o determina por si só, ainda quando sua presença seja estritamente necessária.”* Também esclarecedora é a definição de Varela (1997, p.47):

*O processo de constituição da identidade é circular: uma rede de produções metabólicas que, entre outras coisas, produzem uma membrana que torna possível a existência mesma da rede. Esta circularidade fundamental é portanto uma autoprodução única da unidade vivente em nível celular. O termo autopoiese designa esta organização mínima do vivo.*

Para associar os processos autopoieticos à comunicação, é preciso compreender que estes não são circunscritos unicamente à unidade que os engendra. Remetem à reinvenção das mesmas, a partir das suas próprias condições e disposições de produção, mas relacionam-se, também, ao que Varela chamou de enacção. Trata-se de um outro neologismo, que tem sido utilizado no sentido de “[...] trazer à mão ou fazer emergir” (VARELA, 1997, p. 58). Enacção implica diretamente em ação de acionamento do movimento para um outro lugar, algo como um trampolim para o futuro, como chamou Ferreira, em seu belo texto sobre o mal estar na escola. No caso dessa autora, ela se referia à teoria de Varela como conceituação para o processo de conhecimento, em que são acionados mundos de devires para uma condição diferente, para diferentes platôs de existência conhecedora. Remeto-me, então, ao mesmo conceito, porque o considero intrinsecamente ligado ao de informação, como o estou tratando na lógica da comunicação-trama. Inform-ação. Ação de dar uma nova forma, desacomodando os sistemas (sujeitos envolvidos), de tal modo a possibilitar-lhes a sua reinvenção, sua autoprodução em outros patamares, outros platôs. A confiança que se estabelece no processo amoroso da comunicação é algo que agencia a autopoiese dos sujeitos envolvidos e, ao mesmo tempo, engendra a própria relação, a sua manutenção e eficiência, no sentido da essência de sua razão de existir. Se o objetivo é compartilhar sentidos, partilhar existências informativas, propondo ações e desencadeando devires, isto só pode ser produzido se estiverem em curso discursos amorosos autopoieticos.

*Dis-cursus é, originalmente, a ação de correr para todo lado, são idas e vindas, “demarches”, “intrigas”. Com efeito, o enamorado não pára de correr na sua cabeça, de empreender novas diligências e de intrigar contra si mesmo. Seu discurso só existe através de lufadas de linguagem, que lhe vêm no decorrer de circunstâncias ínfimas, aleatórias. (BARTHES, 1986, p. 1)*

Assim, é preciso que nos processos discursivos sejam acionados mundos, que possibilitem o desencadeamento de autopoiese. O jogo dos fluxos informacionais da comunicação trama implicam em sofisticação de recursos e no cuidado com a relação, com a arte da relação. Assim, precisam ser acionados dispositivos múltiplos, de envolvimento (abraço) do Outro em sua inteiridade, de tal forma que o outro não só continue existindo – condição *sine qua non* para a continuidade do processo – mas seja respeitado como legítimo outro na convivência. Além disso, se o abraço comunicacional existir em sua plenitude, o Outro-receptor, sentindo o acolhimento e deixando-se entregar nessa mágica da relação do abraço, vai querer continuar convivendo e sentindo-se tocado, afetado, em seu todo, vai reinventar-se, ao mesmo tempo em que reinventará a própria relação. Para produzir afecção, por sua vez, é preciso acionar seus múltiplos sentidos, tocá-lo em seus diversos corpos, tanto físicos quanto abstratos, resultantes dos agenciamentos maquínicos com os equipamentos coletivos de produção de subjetividade. Assim, o acionamento não deve ser só com a palavra, só com a imagem, só com a música... o processo precisa envolver o máximo de dispositivos possível.

Outro aspecto importante é a dimensão ‘arte da relação’, a que me referi anteriormente. Isto significa, imediatamente, que nada é detalhe. Tudo é fundamental. Quer dizer, além de os dispositivos serem múltiplos, cada agenciamento deve ser cuidado com esmero, com a dedicação do ser amoroso, que produz um presente para o amado. Aquele que vive a alegria produtiva de imaginar que o presente será recebido com prazer. Deve-se buscar a produção de emissões comunicacionais, então, como promessas de agenciamento de prazer, de gozo, para que a vivência do encontro com o receptor tenha, como cenário, as intensidades de prazer da produção, de quem se enfeita para a entrega. Assim, se eu estou fazendo uma reportagem, criando um cartaz, um logo, um mural, fazendo um planejamento de comunicação...escrevendo um artigo, preciso fazê-lo como um enamorado que se prepara para a entrega. E assim, posso viver o gosto de quem vibra com a expectativa e acredita na arte da relação, no encanto do encontro com o Outro, na admiração do ser desejado – seja ele um namorado, ou o leitor da minha matéria, do folder do meu cliente, ou o telespectador de um comercial. Insisto, então, o receptor é o ser amado, desejado na relação, e o encontro com ele deve representar o amadurecimento do amor romântico, já

que não implica de fato em fusão total, mas em reconhecimento da sua existência como ser que também produz o processo da relação.

E sobre o amor, eu teria ainda tanto pra dizer, mas não vou fazê-lo. Acredito na intensidade do que disse até agora e, mais que isso, do que venho produzindo em termos de comunicação ao longo de minha vida. Comunicação afetiva, comunicação em processos de produção de autopoiese... Fica o gosto de quem se arruma cotidianamente para uma entrega às pessoas, meus receptores afetivos. Fica o gosto do que tenho produzido na vida, na constituição da vida em mim e da vida nas relações, na Comunicação com os seres-Outros, como eu venho chamando. Fica o gosto de ter acionado substâncias teóricas para pensar os processos cotidianos da comunicação, engendrados nas relações múltiplas. Fica, aqui, o gosto antecipado do encontro com você, leitor, e da possibilidade de agenciar novas relações, novos processos de Comunicação. Obrigada por ter estado até aqui, comigo. Espero que este texto possa agenciar novos 'conta-tos' de vida, na vida. Espero você: [malu@pazza.com.br](mailto:malu@pazza.com.br)

Deixo, como presente, além deste 'eu mesma' inscrita nesta proposta de abraçar, uma poesia que me toca especialmente, quando vivo e penso a questão da subjetividade e dos encontros interacionais comunicacionais.

### **REDESCOBRIR**

Como se fora brincadeira de roda... Memória  
Jogo do trabalho na dança das mãos... Macias  
O suor dos corpos na canção da vida... História  
O suor da vida no calor de irmãos... Magia  
Como um animal que sabe da floresta... Memória  
Redescobrir o sal que está na própria pele... Macia  
Redescobrir o doce na lamber das línguas... Macia  
Redescobrir o gosto e o sabor da festa... Magia

Vai o bicho homem fruto da semente...Memória  
Renascer da própria força, própria luz e fé...Memória  
Entender que tudo é nosso sempre esteve em nós...História  
Somos a semente, ato, mente e voz...Magia  
Não tenha medo meu menino bobo...Memória  
Tudo principia na própria pessoa...Beleza  
Vai, como a criança que não teme o tempo...Mistério  
Amor se fazer é tão prazer, que é como fosse dor...Magia.

Gonzaguinha

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 22<sup>a</sup>. ed., Rio de Janeiro: Record, 1987.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação: trama de desejos e espelhos**. Os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato. Canoas: Ed. ULBRA, 1996.

\_\_\_\_\_. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional**. Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Comunicação come trama: La complessità del processo**. In: BECHELLONI, Giovanni, LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.). **Dal controllo alla condivisione: studi brasiliani e italiani sulla comunicazione**. Roma: Mediascape Edizioni, 2002.

\_\_\_\_\_. **O dilúvio babelizante da contemporaneidade e a educação**. in **Pauta: Interdisciplinaridade e pensamento científico**, Pato Branco, v.2, n. 1, p. 55-73, dez. 2003.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F.Alves, 1986.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 2 ed. ver. São Paulo: Moraes, 1974.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MATURANA R., Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco J. **De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PESSOA, Fernando. **Ficções do Interlúdio 2**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.